

Brizola esquece papel coadjuvante e rouba a cena

Vice tem ocupado mais espaço do que Lula, discorda em público de aliados e toma frente nos ataques ao governo

LUIZ AUGUSTO FALCÃO
e GILSE GUEDES

O ex-governador Leonel Brizola, presidente do PDT, teve o gesto mais humilde de sua carreira política ao aceitar o papel de coadjuvante na frente de oposição que concorrerá à Presidência da República. O velho estilo, no entanto, logo voltou à cena. Como candidato a vice na chapa do petista Luiz Inácio Lula da Silva, Brizola tem ocupado mais espaço do que o titular. Discorda em público de seus aliados e já se tornou ponta de lança nos ataques ao governo. Mais: mostrou que de coadjuvante, como ele próprio costuma definir-se, não tem nada.

A primeira polêmica provocada por Brizola foi anunciar que, se a chapa PT-PDT chegar ao poder, o leilão de venda da Telebrás – marcado para o dia 29 de julho – será anulado. A segunda foi garantir que um governo da frente de esquerda também cancelaria a privatização da Companhia Vale do Rio Doce, por meio de “um simples despacho”, mesmo que uma auditoria não encontrasse irregularidades no processo de transferência do controle acionário.

As declarações não agitaram apenas o mercado internacional e o governo. No PT, o comando da campanha mostrou preocupação. “Seria um disparate”, afirmou o economista Guido Mantega, assessor de Lula, referindo-se à possibilidade de anular leilões de estatais. “O Estado não teria condições de recomprar tudo.”

Reunião – Muitos dirigentes petistas defendem o “enquadramento” do ex-governador, sob a justificativa de que ele precisa medir suas palavras, neste momento, para não assustar eleitores, principalmente os da classe média. Amanhã, Brizola estará em São Paulo para uma reunião com Lula e com os representantes dos outros partidos que compõem a coligação (PSB, PC do B e PCB). Vão colocar “os pingos nos is”, como diz o presidente do PT, José Dirceu. “Brizola e Lula farão um pronunciamento oficial, para que não haja mais nenhuma dúvida sobre divergências entre nós”, assegura Dirceu.

Sem incomodar-se com as críticas, o ex-governador reage com ironia à ameaça de “enquadramento” do seu discurso. “Lembro que fui enquadrado pela minha querida Neusa, que conquistou meu coração, durante 46 anos”, brinca, referindo-se a sua mulher, que já

morreu. Brizola sustenta que não quer “criar caso” nem prejudicar Lula. “Sou presidente de um partido, tenho uma vivência muito profunda e mais experiência nessa área de privatização, só isso.”

Na prática, um dos objetivos dos movimentos de Brizola é recuperar espaço no cenário político do País e aumentar o tamanho do PDT, que tem perdido peso há quatro anos. O partido tinha três governadores – Dante de Oliveira (Mato Grosso), Jaime Lerner (Paraná) e Antônio Mariz (Paraíba). Ficou sem nenhum. Dos seis senadores que elegeu restaram quatro. E, dos 42 deputados federais, 20 abandonaram a legenda.

Panos quentes – Para integrantes de várias facções do PT, Brizola é radical em suas declarações, mas conservador na escolha de candidatos nos Estados. Na Bahia, por exemplo, quer coligação com o pedetista João Durval, ex-aliado do presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA). No Maranhão, articula uma aliança para apoiar o senador Eptácio Cafeiteira (PPB).

Mas nem todos querem um Brizola mais cauteloso. “Acho que, ao chegar ao governo, Lula deveria mesmo recuperar a Vale do Rio Doce para o povo brasileiro”, opina o deputado Luiz Eduardo Greenhalgh (PT-SP), um ortodoxo que enxerga certa hipocrisia na direção do PT. Greenhalgh é autor de um projeto, em tramitação na Câmara, que pede a revogação do Plano Nacional de Desestatização (PND). “Na época, toda a bancada do PT apoiou a proposta”, recorda. “Agora, alguns dirigentes estão querendo pôr panos quentes nessa história.”

No PC do B, há unanimidade em torno de qualquer tipo de medida que atrapalhe ou acabe de vez com as privatizações. “Só mesmo

um levante nacional poderá barrar a fúria entreguista do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso”, prega a deputada Socorro Gomes (PA) em um artigo divulgado pela Internet. “Um governo patriótico, ao assumir, deve imediatamente tomar medidas para restaurar o monopólio de empresas como a Vale do Rio Doce e a Eletrobrás”, completa o deputado Haroldo Lima (BA).

Programa – O líder do PT na Câmara, Marcelo Déda (SE), acredita que o discurso da frente de oposição será unificado depois da divulgação do programa de governo, em julho. Até o fim deste mês, o PT deve anunciar algumas metas, mas apenas para as áreas sociais. “Nossa frente é formada por partidos que não perderam suas individualidades e as declarações de Brizola são típicas do período pré-eleitoral”, observa Déda. O coordenador do programa de governo do PT, Marco Aurélio Garcia, concorda: “É claro que nós temos diferen-

ças, pois, do contrário, já teríamos virado um único partido.”

Na avaliação do cientista político Jairo Marconi Nicolau, do Instituto Universitário de Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, é “ingenuidade” achar que Brizola vai mudar seu comportamento. “Ele será assim a campanha inteira, porque não é de sua natureza ser um vice clássico”, constata. “Lula e Brizola são, na verdade, dois candidatos a presidente.”

A eleição vai mostrar se a aliança com o PT e outros partidos de esquerda pode trazer lucros para o PDT. Sabe-se, desde já, que a convivência não será tranquila. Em São Paulo, o candidato do PDT ao governo, Francisco Rossi, não é um trabalhista histórico. Por isso mesmo, não esconde o mal-estar ao comentar a união com a sigla de Lula para a disputa presidencial. “Veja que situação desagradável: estarei em um palanque e meu partido subirá no palanque do PT”, lamenta.

■ Colaborou Vera Rosa



O ex-governador: reunião amanhã com petistas para pôr ‘os pingos nos is’

Joedison Alves/AE-14/897